

NOTAS AO PROGRAMA

Fazendo parte integrante do Projeto Final do meu curso de Mestrado, este recital pretende colocar em prática toda a investigação e estudo à volta da temática da flauta transversal de uma chave, desde os anos nos quais se pensa que teve origem até ao final do séc. XVIII, altura em que foi sendo progressivamente posta de parte devido ao aparecimento da flauta com mais chaves.

A flauta transversal do final do séc. XVII e do séc. XVIII, também chamada *Flute Allemande*, *Querflöte*, *Flauto Traverso* ou, como a chamamos hoje em dia, Traverso (para a diferenciar da flauta moderna de concerto, com o sistema de chaves Boehm) terá aparecido pela primeira vez por volta dos anos setenta do séc. XVII, algures em França. Até à década de sessenta ou setenta do séc. XVII a flauta transversal era construída numa só peça, era cilíndrica e não tinha chaves. O traverso começou por ser construído em três partes (depois em quatro), é cónico e tem uma chave, para as notas de Ré# e Mib. Estas mudanças, apesar de parecerem modestas, vieram abrir a este instrumento todo um mundo de possibilidades técnicas a vários níveis, possibilidades essas que começaram imediatamente a ser aproveitadas pelos compositores da época. Foi mais de um século dourado para a flauta transversal, pela quantidade e riqueza das composições a ela dedicadas, tornando-a um dos instrumentos mais populares no meio amador e profissional.

O traverso mais antigo que sobreviveu até nós é o mesmo que aparece desenhado no frontispício de um livro de Trios de Marin-Marais (fig.1) em 1692, numa gravura do tratado de Hotteterre, le Romain (fig. 2) em 1707 e num quadro de Bouys (fig. 3) em 1710. Trata-se de uma flauta construída por membros da família Hotteterre, muito provavelmente por Martin, o pai do compositor Hotteterre le Romain, em Paris. Decidi interpretar, com a minha cópia desta flauta, uma Suite de danças deste compositor (de 1708). As suites de danças eram obras comuns nesta época em França pois o Rei Luís XIV e as tradições da corte da altura favoreciam muito a música e a dança na sua vida cotidiana.

Com este traverso vou também interpretar uma Suite de danças de Michel de La Barre, compositor e flautista contemporâneo de Hotteterre le Romain, o primeiro a compor especificamente para flauta transversal, apesar desta suite não pertencer a esse seu primeiro livro; esta Suite faz parte do seu segundo livro, escrito em 1710, no mesmo ano em que foi pintado o quadro de Bouys no qual é ilustrada esta flauta com todo o detalhe, assim como o próprio De la Barre (personagem que aparece de pé a segurar uma partitura onde aparece o seu nome). Ambas as suites estão escritas ao estilo barroco francês.

Com uma cópia de um traverso J.H. Rottenburgh, vou interpretar uma sonata de P. Locatelli, composta em 1731/32. Rottenburgh era um muito famoso construtor de instrumentos de sopro nas décadas de vinte, trinta e quarenta do séc. XVIII, residente em Bruxelas. Foi um dos primeiros a construir traversos em quatro partes. Locatelli residia nessa altura em Amsterdão e terá certamente conhecido Rottenburgh, ou pelo menos terá conhecido os seus populares instrumentos de sopro, onde as flautas transversais estão incluídas. Esta sonata está escrita ao típico estilo barroco italiano.

Finalmente, irei interpretar, com uma cópia de um traverso A. Grenser, duas sonatas: uma de K.F. Abel (de 1763) e outra de F. Devienne (de 1799). Abel viveu muitos anos em Dresden, onde era músico na Corte, na mesma altura em que Grenser estava no topo da sua carreira de construtor de instrumentos de sopro nessa mesma cidade; este último era o fornecedor oficial do Corte e extremamente conhecido. Apesar de este livro de sonatas de Abel já ter sido publicado quatro anos depois de ele se ter mudado para Londres, após sair de Dresden, há possibilidades deste compositor ter pensado um pouco nas características dos traversos de Grenser, com quem certamente conviveu tantos anos, quando as compôs. É interessante acrescentar que ambos tinham quase a mesma idade, ambos estudaram em Leipzig e ambos se mudaram para Dresden no mesmo período, com diferença de apenas quatro anos. Esta sonata está escrita num estilo barroco tardio, o chamado "estilo rococó".

A escolha da sonata de Devienne deveu-se a dois fatores: por um lado, a questão musical, pelo facto das características melódicas e técnicas desta sonata indicarem que esta ainda foi composta a pensar no traverso de uma chave. Pede do instrumento e do instrumentista, no entanto, grande virtuosismo e muita facilidade e agilidade nas notas agudas, o que é possível com poucos traversos barrocos, mas onde o traverso de Grenser está incluído e se sente até muito à vontade. Por outro lado, o facto de existir um retrato de Devienne com um destes traversos nas mãos (fig. 4) também ajudou na escolha. É uma sonata de estilo clássico, com certas características embrionárias de estilo romântico. É de salientar que, nesta época, já não era nada comum a existência de acompanhamentos feitos por baixo (contínuo), o que dá a esta sonata quase romântica uma sonoridade ainda um pouco barroca.

Recital de TRAVERSO

2º ano de Mestrado em Música – Interpretação Artística

Sofia Cosme

classe do professor Olavo Barros

Sala 210

25 de Novembro de 2017

18h

P. PORTO



MÚSICOS

Cravo: Júlio Dias

Viola da Gamba: Ana Sousa

Tiorba: Hugo Sanches

A obra de De la Barre será interpretada com o acompanhamento de Tiorba e Viola da Gamba devido às próprias palavras deste compositor, incluídas no seu primeiro livro de peças para flauta transversal (1703), onde este expressa a sua preferência na sonoridade destes instrumentos com cordas de tripa, dizendo que esta "convém mais à sonoridade da flauta" do que o som das cordas de metal do Cravo.

PROGRAMA

1ª Parte

Hotteterre le Romain (1674-1763)

-3ème Prélude en Mi m, flauta solo

-Cinquième Suite (1er Livre, op. 2), em Mi m, "Pour la Flûte-Traversiere avec la Basse" (Cravo)

Allemande, la Chauvet – La Messinoise – Rondeau, le Lutin – Gigue, la Perousine

Michel De la Barre (1675-1745)

Sixième Suite (2ème Livre), em Si m, "pour la flûte traversière avec la Basse Continuë" (Viola da Gamba e Tiorba)

Allemande – Air – Gavotte et Double – Gigue

Pietro Locatelli (1695–1764)

Sonata I, op. 2, em Dó M, "à Flauto Traversiere è Basso" (Cravo)

Andante – Adagio – Presto

2ª Parte

Karl Friedrich Abel (1723-1787)

Sonata II, op. 6, em Sol M, "Per il Flauto Traversa e Basso" (Cravo)

Adagio – Allegro – Vivace

François Devienne (1759-1803)

Sonata II, op. 73 (Livre 2ème), em Mi m, "Pour la Flûte avec accompagnement d'une Basse" (Cravo)

Allegro com giusto – Adagio – Presto

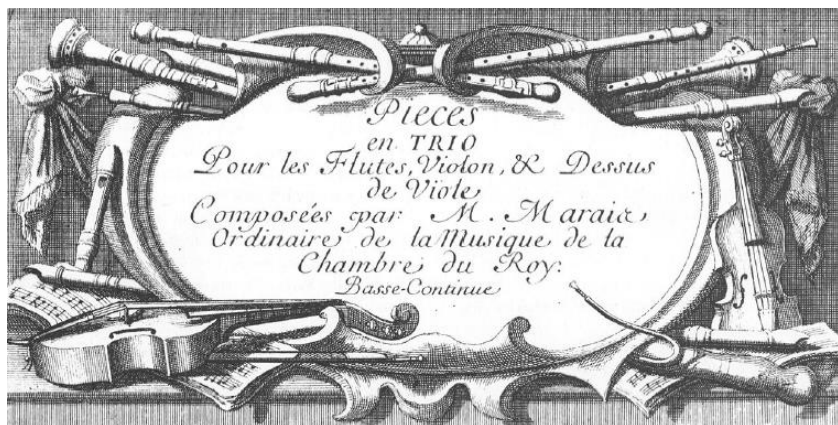


Figura 1



Figura 2



Figura 4



Figura 3